



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Revista do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 1, número 1

Desafios da Sociedade Brasileira na
Construção da Nação

ISSN: 2527-1377



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof^a-Dr^a Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp

Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretor: Prof-Dr Helton Cristian de Paula

Vice-Diretora: Prof^a-Dr^a Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof^a-Dr^a Gláucia Maria dos Santos Jorge

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Bárbara Alvino Precioso Guimarães

Carolina Fernanda Coelho Soares

Julia Barbosa Massa Correa

Matheus Effgen Santos



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Desafios da Sociedade Brasileira na Construção da Nação

Professor Antonio Marcelo Jackson: Olá todos estamos começando nosso Fórum Internacional de Ideias.

Hoje, 29 de março de 2017.

Contando com a participação do professor José Medeiros da Silva, Dr. em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente professor da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang na cidade de Hangzhou, na República Popular da China. E eu, Antonio Marcelo Jackson, também Dr. em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ) e professor da Universidade Federal de Ouro Preto

O nosso tema é: Desafios da Sociedade Brasileira na Construção da Nação

Prof. José, é sempre um enorme prazer conversar com você, ainda mais sendo a sua situação bem peculiar em relação a minha, já que você é um brasileiro que reside na China já há alguns anos e professor universitário nesse país.

Agora passo a palavra para que você comece a explicar sobre quais os desafios da sociedade brasileira para a construção de uma ideia de Nação

Professor José Medeiros da Silva: Olá Prof. Antonio, é um prazer e uma honra participar desse Fórum.

Antes de tecer qualquer consideração, quero agradecer aos seus esforços no estabelecimento dessas conexões para a construção de reflexões conjuntas.

Quero agradecer também aos amigos, os técnicos da Universidade Federal de Ouro Preto que estão agora dedicando uma parte do seu tempo e do seu trabalho para o registro desse encontro.

A universidade brasileira tem cumprido um papel muito importante no desenvolvimento do país e na construção da própria ideia de Nação e tem ainda muito mais para cumprir.

Do ponto de vista acadêmico, o próprio conceito de nação é muito recente, pelo menos, na acepção que ele pode ter agora, ou seja, o de uma identidade comum que liga diversos grupos existentes em um determinado espaço social.

Como já se sabe bem sobre isso não vamos entrar em detalhes teóricos, um pouco chatos, para os ouvintes.

Mas num senso comum, a ideia de Nação como um elemento que une a todos de um determinado grupo e que, ao unir a todos também produz um benefício para todos.



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Nesse sentido, a construção de uma ideia de Nação que não seja excludente do outro e até mesmo de outras Nações, é o principal desafio do Brasil.

Acho que o Brasil pode construir uma ideia de Nação universalizante e isso será o nosso grande diferencial em relação aos outros países.

Por que? Porque nós tendemos a ser inclusivos, do ponto de vista de ideias, do ponto de vista étnico, se é que esse seja um conceito ainda apropriado atualmente.

Nós temos uma abertura para isso. Esse tecido social que chamamos de

Brasil, brasileiros, é como uma cocha de retalhos feita por diversos povos vindos do mundo para formar algo novo.

Eu apego-me muito a ideia do prof. Darcy Ribeiro (1922-1997), sobre um conceito de Nação aberto e, por isso, convidativo para fazermos a nação que desejamos.

Então, antes de entrarmos no debate sobre os desafios para a construção da Nação eu gostaria de ressaltar essa questão sobre a construção de algo que tenda para o universal e não para a exclusão do outro.

Professor Antonio Marcelo: Apenas complementando, José, essa sua fala inicial, e até pra todos aqueles que nos assistem ou nos ouvem, é importante pensar que a ideia de Nação, a própria expressão nação pressupõe exatamente uma ideia de universalidade, uma ideia de inclusão e não um princípio de exclusão considerando-se um grupo

Você chama atenção e eu queria ressaltar, porque é um dado relevante, porque quando falamos na ideia de nação - e eu concordo com você - sem entrarmos em um debate teórico sobre isso, a ideia de Nação é uma coisa bem recente seria, digamos assim, se levado "na ponta da faca" do final século 19 pra cá e que começa pra valer uma discussão ainda em termos superficiais, uma discussão que vem lá do século 18, como demonstra o livro do Eric Hobsbawm.

Agora, ele próprio que foi o primeiro grande estudioso sobre isso

Nações e Nacionalismos, que é um livro muito conhecido desse historiador inglês é que isso só vai aparecer mesmo pra valer no final do século 19 e o século 20 vai ser o grande momento, o grande desafio da ideia desse debate sobre Nação

Agora, com certeza, pouco importa a maneira como a definamos, A ideia de Nação parte sempre de uma ideia de inclusão, nisso você tem toda razão e eu assino embaixo.

Não há como pensar nação como algo que exclua, como algo que separe as pessoas e os grupos. Isso é inconcebível dentro do próprio conceito.

Professor José Medeiros: Eu acrescentaria que a minha visão de inclusão é não só no sentido de grupos internos, mas também de inclusão de outras Nações. De uma inclusão através de ligações, porque o que tem que prevalecer é uma ideia de Humanidade



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Então, dentro de uma ideia de Humanidade os grupos organizados através de países ou de outras formas, como é que eles desenvolvem determinadas características ou determinadas habilidades, enfim, fazem determinadas sínteses do seu processo, esse processo de transitar é ao longo dos territórios, ao longo do espaço geográfico, que chamamos Terra.

Como é que eles sintetizam determinadas experiências e, a partir de encontros com outros grupos humanos, essas sínteses poderem ser compartilhadas para a prosperidade comum da Humanidade.

Isso sem imposições, mas a partir de revelações, demonstrações e o outro absorvendo ou não, se aquilo for pertinente para o seu próprio bem-estar

Esse é um ideal que eu acredito, não só acredito mas também me esforço para que nesse meu transitar eu possa transmitir minhas experiências ou experiências dos lugares onde eu passei, vivi, do Brasil ... transmitir aquilo que eu considero positivo para que outros grupos humanos, caso decidam incorporar no seu cotidiano possam se tornar mais universais.

Então, eu vejo que o Brasil tem abertura para essa universalidade e isso é um patrimônio maior que pode nos tirar desses instintos primitivos ou nos distanciar, ou pelo menos atenuar em nós os efeitos negativos desses instintos primitivos de grupos, de como a luta apenas pelo seu grupo faz com que você esqueça o todo e, não só esqueça, mas tente dizimar o outro. Isso é algo muito primitivo e o Brasil pode e deve superar isso

Professor Antonio Marcelo: Fazendo alguns comentários a respeito do que você acabou de falar, é interessante, primeiro, para aquele que nos assiste pensar o seguinte, O prof. José talvez seja idealista ou sonhador quando ele fala da questão da humanidade só que aí eu lembro a essa pessoa, caso exista alguém que pense isso a respeito da sua fala mais recente, que o seguinte, essa interação entre os povos existe naturalmente. O que existe de exemplos na linguagem, nos hábitos, na cultura dos povos que são frutos das interações das mais diversas possíveis é uma lista que é quase infinita

Vamos traduzir isso em exemplos práticos:

Em Ouro Preto, Minas Gerais, aliás, nas cidades históricas de Minas Gerais nós encontramos diversos exemplos na arte que tem influência chinesa isso via uma época que você tinha Macau, que é uma cidade que era colônia portuguesa na China e esses contatos todos foram por um efeito, como dominó e isso chega ao Brasil e vão influenciar na arte barroca mineira, em primeiro lugar. Assim como eu posso encontrar na cultura japonesa, o tempurá, a própria palavra vem de tempero, que é uma palavra portuguesa. Ou seja, quando você, José fala das interações, das múltiplas influências elas acontecem normalmente.

O que espanta, e é aí que eu acho que vale a pena o destaque é que, se por um lado essas interações acontecem de forma natural, quando falamos do cotidiano das sociedades, quando entra a política, parece que essas interações jamais existiram ou não deveriam



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

existir. É uma coisa completamente esquizofrênica, dentro do meu modesto entender, quer dizer, não pense que ninguém é uma ilha.

Essa frase é um lugar comum, mas ela é bem verdadeira, todos somos mutuamente influenciados. Vivemos no mesmo planeta. Então não há como escaparmos dessa realidade, mas eu acho que esse primeiro aspecto que você chama a atenção é muito relevante pra pensar os desafios da sociedade brasileira.

Lembrarmos que todos nós nos influenciemos mutuamente.

Portanto, nós não somos exclusivos, nós não somos únicos, muito pelo contrário, nós somos múltiplos. Essa é que é a grande verdade.

Professor José Medeiros: Acho que essa multiplicidade no Brasil, e o professor destaca com muita propriedade, no Brasil é mais acentuada ainda. Ela é o grande valor do Brasil, a reflexão que estou procurando trazer aqui é de que nós temos de nos construir com essa multiplicidade, mas também, aberto para uma multiplicidade ainda maior ao ponto daquele sentimentalismo do romantismo, como a base do surgimento das nações, ele não seja danoso. Que a Nação não seja em si o fim, mas como uma realidade histórica de um processo que vem sendo construído, aberto à universalidade. Esse é o diferencial do Brasil. É não ter medo de ser universal. No sentido de nos perceber como uma só humanidade e de valorizar os outros grupos e as outras Nações, os outros povos e os seus e os seus percursos na face da Terra. Também para acrescentar alguns exemplos eu diria que muitos costumes, vou dar um exemplo muito citado: a Grécia, berço da sabedoria, ainda tinha a instituição da escravidão, como algo natural e, aquele pensamento é alterado. E hoje em dia, quem é que aceita como normal a prática da escravidão? Que era tida como normal e motivo de orgulho de determinadas classes sociais.

Outro exemplo, aqui na China eu estava observando que influências ocidentais nós temos. Eu estava lendo alguns documentos do

séc. 16, 17, dos jesuítas aqui e o grande debate com os confucianos, com os seguidores do pensamento de Confúcio, um sábio chinês dos anos 400 antes de Cristo e uma discussão de muitos jesuítas com esses pensadores confucianos. Era sobre a questão do homem ter direito a 3 ou 4 mulheres, ou bem mais. Tinha todo um debate acadêmico sobre isso e hoje a própria legislação chinesa proíbe. E isso não era pensamento oriental, foi um pensamento trazido pelos jesuítas. Ou seja, por um grupo social diferente, que hoje se generalizou na sociedade chinesa e eles nem percebem que isso foi adquirido.

Eu vejo, por exemplo, nas universidades, quando eu termino aula na sexta-feira e não tem aula nem sábado nem no domingo. Ora, isso nada mais é do que ocidental, o sábado é judaico e o domingo é cristão e um conjunto de trabalhadores percebe que isso é bom para o seu descanso, que isso é uma conquista, que é um valor elevado e incorporam isso na sua prática cotidiana.



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Porque os trabalhadores e as pessoas começam a perceber a relevância do tempo livre, do tempo para a família. Claro que o domingo aqui não será destinado a ir

À missa, ou o sábado para ir à sinagoga, mas o trabalhador aproveita para ficar com a família, visitar o parque, o lazer, o descanso, etc. Então são compartilhamentos de saberes que o outro grupo social percebe que aquilo é relevante para si e adota, adequando a sua própria realidade. Claro, também, contribuições da China que foram espalhadas pelo mundo. Em relação a tecnologias sabemos a contribuição que a bússola e o papel deram. Sem querer nem entrar na história da pólvora, que não foi usada só para fogos de artifícios.

Professor Antonio Marcelo: Macarrão, bicicleta, guarda-chuva, tudo foi inventado na China. Eu não sei o que seria do mundo sem a China, nesse aspecto.

Professor José Medeiros: Então, eu penso que esse ideal, pode ser um sonho no sentido de um desejo, mas que aqueles sonhos que são pertinentes, devem ser cultivados.

Professor Antonio Marcelo: Sem dúvidas.

E agora nos encaminhando para o item central de nossa conversa. Chegamos à conclusão de que, em termos culturais, essas interações acontecem naturalmente, seja dentro das próprias sociedades, entre os vários grupos que compõem essa sociedade, seja entre as sociedades diversas, pouco importando se estamos falando de regiões que estão em lados opostos do planeta. Parece então que o problema de fato é quando aparece aquela coisa chamada poder político. Seja em relação a um país no que diz respeito ao outro, seja em relação ao próprio país, nesse caso, pensando o tema do nosso Fórum Internacional de Ideias de hoje, que é pensar os desafios para a construção de uma nação brasileira. Então será que os grupos que compõem a nação brasileira, quando falamos de poder político, eles não aceitam essas interações? Quer dizer, será que o problema começa aí?

Como posso tratar os grupos das regiões diversas do Brasil, que muitas das vezes não se aceitam. E até mesmo na questão do escalonamento social, um grupo que tenha mais recursos, que seja mais endinheirado, não aceita o outro grupo que tem menos recursos. Será então que o problema fica evidente quando o poder político está em jogo? É essa a pergunta que eu coloco para você.

Professor José Medeiros: O professor traz uma questão muito profunda. Eu já tive o privilégio de escutá-lo em algumas reflexões e eu tenho percebido que o professor também já tem uma elaboração sobre isso. Gosto de dedicar um pouco do meu tempo para pensar essas questões e procuro observar a formação histórica, o processo histórico que vai construindo esses grupos políticos, suas formas de se organizarem, a ocupação



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

de um espaço político, de poder. Ao deter esse espaço eles conseguem normatizar a sociedade ou tentam impor seu ponto de vista. Ora, nós sabemos que o povo é um elemento muito recente na ascensão social e vem galgando espaço para estar nesse estamento de organização e normatização do funcionamento social. Esse ponto é importante para que a gente perceba que o processo de inclusão social, eu não diria nem de inclusão social, mas no sentido de determinados segmentos, de outros setores sociais galgarem espaços e trazerem ideias novas, oxigenar aquele espaço de poder. Tudo isso é um processo muito recente na história dos povos e, no Brasil, isso é mais recente ainda. Então, antes, se tinha a nobreza e ela definia o que era o certo e todos seguiam aquilo, depois tem uma abertura maior, onde setores militares oriundos, por exemplo, da Guerra no Paraguai, colocam suas botas lá dentro, na estrutura do poder, mas já levam para o poder sentimentos do povo e fazem novas aberturas naquele espaço. Agora, por exemplo, nós vamos galgando espaços em universidades, em outras instituições... Muitas vezes ficamos cativos daquelas formas de funcionamento, mas não deixa de ter algo novo que vai alterando aquela forma de funcionamento.

Então, é tudo muito novo esse processo de ter o máximo de pessoas envolvidas para encontrar um denominador comum que seja benéfico para o conjunto da sociedade, Isso é muito recente. Nesse sentido, penso que o desafio número um para a edificação de uma nação humanamente digna é pensar o território como um todo, claro, pois é o espaço onde nós juridicamente, temos o direito de ali estar e permanecer. Pensar num primeiro momento, como se fosse um primeiro plano tomando por exemplo, a imagem de uma pintura, um quadro, em um primeiro plano, pensando o povo.

Então se tem o território, que seria o quadro inteiro, e num primeiro plano os seres humanos, aqueles que são brasileiros e aqueles que também circulam pelo Brasil, temporariamente ou de alguma outra forma. E depois teríamos tudo em profundidade, as riquezas, o meio-ambiente, fauna, flora, a cultura, etc.

O primeiro grande desafio é uma resposta de como fazer com que essas pessoas que nascem no Brasil, que crescem e vivem no Brasil não tenham medo do futuro.

Não tenham medo do futuro em relação à alimentação, moradia e que tenham condições mínimas para que a vida sinta um determinado conforto. Para que elas possam desabrochar em um plano mais elevado, que é um segundo momento, conversando com a sociedade como um todo, debatendo, os desafios que temos para enfrentar. Por exemplo, o desafio de fazer com que uma loucura pela criação de gado ou de plantação de soja não venha a exterminar o bioma do cerrado, coisas nesse sentido. Então você começa a envolver para uma ação concreta de defesa. Para o brasileiro se apoderar do Brasil, territorialmente, no sentido de perceber como o território estar sendo usado, de como os recursos estão sendo extraídos e de como o povo está sendo cuidado. Então, nesse sentido, a política terá que dar essas respostas, porque a política é o espaço da negociação para a busca do equilíbrio social. Hoje ela pode estar sendo usada como um espaço para a apropriação, por parte de uma força, que é um poder já constituído, e a partir dessa força se tem o fortalecimento de grupos. Temos pessoas que são incapazes de perceber o todo, que não conseguem visualizar os 205 milhões de brasileiros e não precisariam ter essa capacidade. Seria somente operar um software, usando nossos estatísticos, usando o nosso saber que, está espalhado nas nossas universidades e dar



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

conta de como estão essas pessoas, onde estão, quais as suas dificuldades maiores. Não ficar aprisionado também nessa linguagem do mercado, essa linguagem da mercadoria, ou seja, uma resistência para não virarmos commodities, nos coisificar, porque estão nos coisificando. Claro que a gente tem uma parte que pode ser coisa, mas não podemos ser 100% coisa, sob o risco de deixarmos de existir como humanos. Eu penso que o desafio é muito complexo, mas é muito possível de ser realizado, desde que mais brasileiros sejam envolvidos. Não para imediatamente propor soluções, mas para juntos construirmos soluções, como estamos fazendo nesse

Fórum Internacional de Ideias. Estamos começando com a ideia de Brasil.

Que contribuições o Brasil pode dar para o mundo?

Professor Antonio Marcelo: Vê se estou compreendendo o teu raciocínio, se eu compreendi corretamente. Você está dizendo que, primeiro, em termos históricos a maior participação de pessoas no exercício do poder político é algo muito recente, essa maior participação gera uma situação que poderíamos chamar de medo, ou um outro nome qualquer para essa coisa nova. Então esse futuro que passa a ser incerto, que já não é mais como aquele momento em que apenas um pequeno grupo participava e em nome desse medo, esse poder acaba sendo disputado e servindo apenas aos interesses de poucos grupos. Seria mais ou menos isso, o que você falou, ou estou errando em alguma parte?

Professor José Medeiros: Essa primeira parte eu confirmo, que a participação do povo é realmente recente, ou seja, tinha grupos que controlavam o país e agora, dentro dos diversos grupos, seja nas empresas, nas universidades, no que se puder imaginar, temos elementos que vieram do povo e que, por ascensão social, através dos estudos conseguem adentrarem nesses grupos que antes eram muito fechados. Isso é um primeiro ponto. Segundo ponto, esses grupos, ou essa dinâmica de poder, é fechada. Então, se por exemplo entra um “Lula” lá, se entra quem quer que seja, mesmo você tendo uma origem no povo, é bem possível que aquela máquina, azeitada para ter um funcionamento próprio não abra brechas para que aquelas ideias trazidas de outros seguimentos sociais daqueles seguimentos que estavam excluídos possam ter força ali dentro. No geral, você entra e é engolido por aquilo. Mas apesar de ser engolido, sempre sobra alguma coisa e isso abre fendas novas. É um pouco isso. Vamos dizer, um Machado de Assis ele é incluído como um grande escritor, e ele é um grande escritor, mas devido a sua condição social ele é aceito no ambiente social da época porque ele conseguiu passar pelos pré-requisitos determinados pela classe social vigente.

Professor Antonio Marcelo: Então acho que estou entendendo. Existe como que uma máquina, que é o poder político, que ela foi feita, foi azeitada, usando a expressão que você usou para funcionar de uma forma onde apenas um número ínfimo de pessoas possam governar o país só que, historicamente, se constrói um processo onde um



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

número maior começa a entrar, a participar dessa questão e aí a máquina reage. Seria mais ou menos?

Professor José Medeiros: Exatamente. E temos que, inclusive, sermos capazes de parar essa máquina e colocar para que ela gire em um outro eixo. Porque, por exemplo, eu ascendo socialmente ao poder político, mesmo vindo de uma classe, de um seguimento social. Eu venho lá de Canabrava no Rio Grande do Norte, onde o grau de analfabetismo é muito grande, onde as pessoas não tem trabalho, ou tem pouco trabalho, mas ganham muito pouco e eu consegui fazer um curso, um doutorado, ter um bom salário. E a partir daí começo a exaltar os meus méritos e eu começo a jogar um peso para toda minha base social de que ela não conseguiu essa ascensão porque ela não fez um percurso que eu fiz como se tivesse espaço para toda essa base social fazer isso. O que é falso. E em vez de usar essa minha ascensão para valorizar aquela minha base social para valorizar o seu esforço de trabalho, a sua contribuição na edificação do país e mostrar que ela pode e deve perceber esse país como um todo, independentemente de ter feito um curso superior ou não, independentemente de saber ler ou não, mas consciente de que, como humano, tem um potencial e uma capacidade e aí ela se inclui no processo de construção da Nação ao invés de ser uma pessoa que passa a ser controlada por mim.

Então o desafio é que rompamos com as cadeias de controles, ou seja, é uma liberdade plena, mas ao mesmo tempo colaborativa, não serão habilidades A, B ou C, que estão no topo de uma propaganda ou de uma necessidade circunstancial que imponha e determine aquele ser mais habilidoso ou mais capacitado para controlar. Assim, os seres vão se perceber importante e poderão sair desse núcleo fechado, da defesa dos interesses particulares e construir algo onde eles vejam como realmente deles.

Professor Antonio Marcelo: Entendi perfeitamente. Eu estou achando curioso, José, eu não vou saber o nome da pessoa, porque peguei uma matéria na Rádio Internacional da França, e peguei essa matéria pelo final, a pessoa concedendo uma entrevista e infelizmente o nome do entrevistado não foi novamente citado. Era em língua portuguesa, a entrevista. Estou citando isso por causa da coincidência a partir do que você acabou de falar, é um brasileiro que fez doutorado na França, em economia, e fez uma análise dos oito anos do governo Lula. Ele disse que o maior erro do governo Lula foi que, apesar de ter implementado uma política de distribuição de renda muito forte, ele não quebrou a espinha dorsal das estruturas econômicas do país, ou seja, ele ampliou o número de pessoas com acesso a bens e serviços, a partir da distribuição de renda, mas não alterou a estrutura que já vinha desde esses últimos 500 anos, do modelo econômico brasileiro. Isso de certa maneira, fica muito perto fica muito perto disso que você está falando, só que você está pensando na estrutura política e o rapaz lá fez uma tese sobre a questão econômica mas me parece que as ideias são muito próximas. Você começou a falar e me lembrei dessa entrevista que eu ouvi há mais de um ano.



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Professor José Medeiros: Porque a libertação não se dá pelo material. No momento em que se estimula consumo, se estar reproduzindo um sistema que faz com que os brasileiros não incluam na proteção do país, no cuidado do país. Se tem a ideia paternalista, ou do "grande" líder, de que você precisa apenas confiar em mim, em vez de abrir espaços ali dentro, já que estou no centro de um poder político e abrir fendas nele para que entre cada vez mais pessoas para a edificação e o cuidado desse espaço de forma responsável, compartilhada e solidária, seja na defesa de bens culturais, de bens históricos, bens naturais e outras. E ao mesmo tempo fazendo com que se tenha uma base produtiva que, primeiramente esteja voltada para o bem-estar físico, no sentido de alimentação e de cuidados do povo como um todo, independentemente de classes sociais, como uma questão humana profunda e em segundo lugar, também ampliando a contribuição que podemos dar, já que temos muitas terras produtivas para atenuar impactos que são desagradáveis para a humanidade. Como a questão da fome. Temos 700, 800 milhões de pessoas passando fome, o Brasil tem uma responsabilidade grande, então não deve só exportar alimentos para países que vão dar um retorno econômico. Nós temos condições tecnológicas e produtivas, de contribuir para que outros povos atenuem essa situação e, em retribuição, poderemos receber coisas especiais desenvolvidas por esses povos, que sabemos que eles tem. Então o agronegócio, qual seria o retorno social, o pagamento de impostos?

Isso é importante porque poderia gerar políticas públicas mas precisa ser coisas muito bem definidas, a partir de necessidade objetivas, por isso, esses discursos generalistas de que se tem a solução para tudo já não me convencem e também não quero entrar no mesmo ritmo deles de querer me apresentar como líder e guia de um povo. Pelo contrário, estou na minha rede, como índio que sou, no caso da China, trouxe a rede pra cá, mas ao mesmo tempo um ser ativo, por saber que os bens materiais e imateriais que estão no meu país também são meus, por mais que muitos achem que não são meus também são meus e são dos outros. Então eu tenho essa consciência, apesar de que nem sempre esses bens eles permitem que sejam usados por mim e ao mesmo tempo, ao usá-los, desenvolva-os e acrescente valor para que retorne para outras pessoas com um valor acrescentado mas isso não tem problema, isso é um limite de uma classe política que estar aí no poder, atrofiada é o limite dela, não é o meu, não é o meu limite mental então, inquieta-me como cidadão, mas ao mesmo tempo eu fico muito tranquilo para transitar com essas ideias. Porque essa edificação do Brasil está sendo feita, agora me lembrei de um poema do "Para telha, dizem teia", onde ele vai brincando com a linguagem pois os nativos não falam o "LH", ou seja, continuamos a fazer nossos "teiadados". O povo enquanto povo continua na sua grande epopeia para existir e permanecer e é dessa força do nosso povo que poderá sair qualquer solução para uma ideia de Nação. Então aqueles "barrigudos", "pés-descalços", são eles que podem, inclusive, morar na China e trabalhar e em uma universidade ou pode estar aí (numa universidade federal), como o Prof. Antônio, que sai dos subúrbios do Rio de Janeiro, ou como o Rafael, que sai de Campinas-SP e vai trabalhar em Pequim, ou como a Simone, que também está nesse projeto, que agora é professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, ou o Roger que estar ai em Ouro Preto como técnico e outros e outros.



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Esse povo vai fazendo seus "teiadados", como dizia Oswald de Andrade. Estão nos morros, nos Grandes Gerais, estão espalhados em qualquer parte. Então, quando esse povo for percebido por uma elite que está no poder, quando eu falo elite não é considerando que essas pessoas são importantes, pelo contrário, eu as considero menos importantes mas que para imposições tem uma relevância na organização social, então quando eles perceberem que é esse povo que tem que ser olhado o povo como um todo, seja o pobre ou o seja rico, e aí se usa os recursos do país para o bem-estar desse povo e a Educação como o que vai levar a energia, o combustível.

A Educação seria o combustível que faria com que as pessoas encontrassem o seu potencial e aplicassem essa sua tendência de gostar de determinada coisa no cuidar daquela coisa se gosta de história, de restauração vai cuidar, pesquisar aquilo se gosta de plantas, cuida dessa parte de alimentação, ou seja, uma sociedade que com um mínimo de saber, ao praticar esse saber gera um benefício para o todo.

Professor Antonio Marcelo: Sem dúvida alguma, voltando a sua própria fala precisamos, senão quebrar, pelo menos reconfigurar essa máquina de algum modo.

Professor José Medeiros: E hoje em dia não precisa quebrar, porque com os softwares de reconfiguração.

Professor Antonio Marcelo: É verdade, com certeza. A gente reinicia a máquina sem, sem problema nenhum. E acho que não precisamos ter medo.

Professor José Medeiros: Não precisamos seguir o mundo. Por exemplo, eu fui no Japão recentemente e tive o privilégio de realizar um sonho de criança que era visitar Hiroshima e outros lugares o Japão, Quioto, uma antiga capital. O país tem uma forma de relacionamento e de cuidado com o externo muito profunda que eu acredito que no Brasil, como já temos muitos descendentes de japoneses determinadas práticas podem tornar os brasileiros como um todo ainda melhores. Em compensação, o Japão tem umas coisas que eu quero distância, essa sociedade que acredita que você tem que trabalhar 12 horas por dia e que isso edifica o ser humano, eu tenho uma oposição radical contra isso. Apesar de que eu aplaudo eles e todos aquele que querem fazer isso, mas acho que o tempo livre e as pessoas com menos trabalho, no sentido formal, de para uma empresa, ficar apertando um parafuso ou fazendo alguma coisa durante 12 horas, isso é uma parte de quase desumanidade, na minha visão. Acho que o Brasil não precisa disso, nós precisamos de um tempo livre para amizade, para jogar futebol, para pintar, para sambar, estar nas igrejas orando, ou se confraternizando, que é a característica do nosso povo, e claro, um senso de atuação e de responsabilidade social no trabalho, também mas que isso não seja uma escravização do próprio corpo e uma tomada do tempo do indivíduo. Imagine que o indivíduo é um potencial muito amplo e ele está confinado a trabalhar 30, 40 anos numa única atividade que o limita como ser.



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Então nós não temos que ter medo desse debate. Imagine aquele ser que decide ir para a Amazônia aprender as comidas de uma tribo indígena, aprender uma das 180, ou mais línguas faladas no Brasil e chegar num grupo da Universidade Federal de Ouro Preto ou lá no Jardim-Ciência Aziz Áb'Saber que é a onde eu tenho uma atuação social, ou aqui na China e compartilhar as imagens daquele grupo social do fazer daquele beiju, isso merece ser aplaudido e é muito útil para edificação do que chamamos de Nação. Porque a edificação da Nação é o cuidado com essa nossa diversidade como você colocou no início. Dessa multiplicidade.

Professor Antonio Marcelo: Pois é, eu acho que a sua linha de raciocínio é extraordinária e remete a qualquer um que assista uma sucessão enorme de reflexões. Em primeiro lugar, ninguém está falando de pasteurização, todos passam a ser iguais. Não, ninguém falou isso. As diferenças são importantes porque são elas que interagem entre si e produzem coisas novas que vão interagir com outras coisas e, assim, ao infinito. Em segundo lugar, a concepção, quando você fala que há uma máquina de poder construída ao longo dos séculos no Brasil e que essa máquina não compreende que a população e a participação aumentou e faz com que nós tenhamos que reconfigurar essa máquina com toda certeza! Seguindo a sua linha de raciocínio, volto mais ainda no seu comentário no exemplo fantástico que você deu que algumas pessoas se enganam pegam o seu auto exemplo, de uma pessoa que sai do interior do Rio Grande do Norte, faz uma Universidade Federal, faz mestrado e doutorado em São Paulo e hoje é professor universitário na China. Ou posso citar o meu caso, eu sou um suburbano carioca, de uma família humilde que também vou fazer uma universidade pública, faço meu mestrado e doutorado e hoje sou professor de uma Universidade Federal em Minas Gerais, as pessoas olham para o seu exemplo e para o meu e falam, está vendo, qualquer um consegue. Não, isso é mentira. A gente sabe que não é qualquer um que consegue, é a máquina não permitido isso. Algumas pessoas conseguem escapar das engrenagens da máquina, algumas pessoas que não reproduzem aquela imagem clássica do Chaplin apertando parafusos do "Tempos Modernos", alguns escapam disso mas a regra não é essa, a regra foi feita para que você seja engolido pela máquina. E você disse isso muito bem, você é cooptado e acaba reproduzido um comentário que eu acho que é chave em toda sua reflexão quando eu citei a matéria do professor que fez o doutorado na Sorbonne e você falou "está provado, não adianta fazer uma distribuição de bens" sem mudar a concepção das ideias Quer dizer, não adianta você aumentar o consumo sem que as ideias sejam alteradas na mesma proporção senão você não resolve o problema acho que esse teu comentário foi preciso acho que leva a muitas reflexões tudo o que você falou aí. E é sempre um prazer gigantesco conversar com você por isso mesmo que eu vou aprender sempre contigo.

Professor José Medeiros: Eu quero deixar registrado aqui que eu tive o privilégio de também incluir o Professor Antônio Marcelo na lista dos meus professores. Na verdade, eu estou em uma idade em que eu escolho os meus professores e tenho professores no meio do povo também. Hoje em dia observando as pessoas que ficaram lá na minha terra natal, que eu sempre volto com muito carinho, que ficaram lá na enxada, naquele



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

trabalho da luta, da lida, da labuta para o viver e para cuidar dos filhos. Claro que eu consegui ter uma visão de mundo muito diferenciada da deles, mas hoje eu percebi que todas as minhas conquistas comparadas com as deles não é nada. Não é que eu tenha inveja deles, mas se eu não tivesse saído e tivesse ficado na enxada, não teria sido ruim para mim, pois o que falta é a valorização desses seres não que a gente dê um valor que eles não tenham mas o valor que eles tem, o valor que eles tem como ser humano, trabalhador, com dignidade à vida, suas crenças e suas esperanças, com o dom da confraternização e do acolhimento que é uma coisa brasileira e não pode ser perdida, onde quer que você vá ter esse sentimento de acolhimento, de confraternização, de identificação com o outro, aparentemente tão diferente que são esses elementos que devem estar na composição do que nós chamamos de elementos nacionais mais elevados com os quais nos identificamos e lutamos para defendê-los. E não apenas uma seleção brasileira, que também é bom quando se classifica pra Copa do Mundo, como aconteceu agora, mas nada desse ufanismo, assim, onde sem isso não vamos ser felizes. Sim, nós vamos ser felizes, temos o dom de ser feliz. O Prof. Antônio Jackson como um grande estudiosos da música tem feito programas belíssimos sobre a história do samba brasileiro. Eu penso que esses programas feitos pela rádio da Universidade Federal de Ouro Preto são programas de altíssima qualidade, que deveriam chegar nas escolas públicas para que os professores percebam isso, para que levem para as salas de aula, para que as rádios comunitárias reproduzam. Porque ao se reproduzir esses elementos essenciais para a construção da identidade brasileira eles se arraigam no coração e na mente do povo. Imagine um Noel Rosa é um patrimônio nosso que não pode ficar esquecido, então, a nossa missão enquanto educadores é propagar esses valores. Imaginemos uma Nilse da Silveira estou pensando agora no Rio de Janeiro, ou um Darcy Ribeiro, ou o Prof. Aziz Áb'Saber são contribuições profundas para o Brasil e colocar essa juventude para percebê-las, continuá-las, trazendo a sua energia ou uma visão ainda mais avançada. Eu também estava pensando no Prof. Oliveiros Ferreira que foi o meu orientador no doutorado. É uma geração de pessoas que nas suas áreas e com as suas limitações já deram uma grande contribuição para edificação dessa nacionalidade. Então, o trabalho nosso é colocar essa juventude ou estimulá-la para perceber essa beleza que já foi desenvolvida em diversos campos do saber, nas artes, na música, na ciência e em outras áreas e fazer com que isso predomine como os elementos das conversas cotidianas, os elementos de interesse nosso nacional e não determinados pastelões que a gente deixa 0,2%, isso até para descansar, que passam nos canais de TV por ai que é um nível cultural baixíssimo mas que também não deve ser excluído. Mas, poxa, você fazer da tua vida, que é de um potencial tão lindo 100% ficar ligado a isso é um desperdício de vida, né! Literalmente

Professor Antônio Marcelo: Tá certo. Olha José, fantástico a nossa conversa começamos assim o nosso trabalho o nosso Fórum Internacional de Ideias e teremos muito mais ainda. Teremos a Simone para entrar na conversa, o Rafael e todos os convidados que vamos ter nessa vida, espero que seja longo nosso projeto em conjunto. Um projeto multinacional e isso é uma coisa fantástica envolvendo China, envolvendo Brasil, envolvendo duas regiões diferentes na China (Pequim - Hangzhou), envolvendo duas regiões diferentes no Brasil (Minas Gerais - Rio Grande do Norte) e mostrando que esse mundo é como dizia o Tolstoi continua sendo uma pequena aldeia. E vamos então tratar muito bem da nossa aldeias.



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Professor José Medeiros: Vamos tratar da nossa aldeia e só lembrando para o nosso público, Hangzhou, que é onde estou, é uma cidade não tão velha, mas já tem uns 2700. O Marco Polo faz um registro de Hangzhou, em suas andanças, tem até uma estátua de Marco Polo aqui, com a frase dele dizendo que é a cidade mais bonita que ele viu nessas suas andanças quando passou aqui pela China. Então é uma cidade muito especial e todos os internautas que vão ter acesso a esse nosso bate-papo estão convidados à visitá-la, e o professor também. É um dos meus sonhos organizar um evento, onde a universidade possa convidar o professor para poder nos visitar.

Professor Antonio Marcelo: Seria uma honra!

Professor José Medeiros: Recentemente, uns 3 ou 4 anos ela foi tombada também como Patrimônio Histórico da Humanidade, assim como Ouro Preto. E essa conexão entre Hangzhou e Ouro Preto, duas cidades Patrimônios da Humanidade e também Pequim, pois de alguma forma o Rafael está aqui conosco conectado, que tem vários Patrimônios Históricos é o melhor espaço para que a gente comece desse particular mas universalize esse particular e fazer a conexão entre pessoas compartilhar vivências e experiências para que muitos dos brasileiros sejam ocupados nessa grande tarefa que é a preservação dessa nossa história, gostemos ou não, é o que temos, Aqui não se trata de gostos, mas se trata do que aconteceu.

Professor Antonio Marcelo: Mas a nossa História é bonita, todas as histórias são bonitas A forma como a contamos é que vai valer. Sejam muito sinceros.

Professor José Medeiros: Não poderíamos terminar sem citar o nosso Carlos Drummond de Andrade quando ele fala do Robison Crosoe e ele não sabia que a história dele era muito maior do que a história do Robinson Crosoe.

Professor Antonio Marcelo: E eu não sabia que a minha história era mais bonita que a de Robinson Crosoe" Esse poema "Infância" é maravilhoso.

Professor José Medeiros: Então acho que os brasileiros precisam ver a importância da sua história, se apropriarem da história, se apropriarem do território e se determinarem a construir o Brasil.

Professor Antonio Marcelo: Com toda certeza! E assim a gente encerra o nosso 1º Fórum Internacional de Ideias com esse prazer sempre enorme da nossa conversa e que teremos outras com toda certeza. Espero que todos que vão ler nas transcrições do



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Fórum tenham o mesmo prazer que eu tive e esse aprendizado que eu sempre tenho com você. Também você é um professor que eu tenho. Não tenha dúvida disso. Muito obrigado, José. Um grande abraço.

Professor José Medeiros: Obrigado Professor. Um grande abraço.